



ARTIGOS

De olho em 2018, sobram balões de ensaios em 2017

Antonio Carlos Frizzo¹

Resumo: As propostas de uma Reforma Política pleiteada pelos Movimentos Populares, Pastorais Sociais e parte dos Partidos de Esquerda não entraram na ordem do dia, no Congresso Nacional. No segundo semestre de 2014, entidades como OAB, CNBB, CUT e outras Centrais Sindicais apostavam seus esforços numa reforma política com “a cara e o gosto do povo”, diante dos esquemas de corrupção que transformaram a política representativa num “toma lá dá cá”. Uma ampla participação popular frustrou-se. O que se viu foi o efeito contrário. Vitoriosa no segundo turno, em outubro de 2014, a presidente Dilma Rousseff não imaginava que a armadilha que lhe garantiu a apertada vitória iria desarmar-se contra si, meses depois. Uma orquestrada operação entrou em cena para afastá-la da presidência. Neste artigo, acenamos às mais diferentes candidaturas surgidas – vistas por nós como “balões de ensaios” – que serão apresentadas ao público no ano de 2018, após a mudança no tabuleiro do poder que alçou o “muito pior” Temer, se comparada à “ruim” Dilma. Todos prometendo tirar o país do atoleiro em que foi metido.

Palavras-chave: democracia, corrupção, participação popular, eleições de 2018.

Abstract: The propositions of a Political Reform pleaded by Movimentos Populares, Pastorais Sociais and some of the Leftist Parties are not in the National Congress agenda. In the second semester of 2014, entities such as OAB, CNBB, CUT and other Union Centers enforced policies that “looked and felt like the people”, to try and face the corruption schemes that transformed the representative politics in a favors exchanges situation. A numerous popular participation was frustrated as the effect was the exact opposite of the intended. After being elected by popular vote in October 2014, the president Dilma Rousseff could not have imagined that the trap used in her close victory would turn against her months later. An orches-

¹ Professor em Teologia Bíblica, ITESP-SP. Possui mestrado pelo Instituto Católico de Paris e doutorado pela PUC-RJ. É assessor das Pastorais Sociais em Guarulhos e Secretário Regional da Campanha da Fraternidade, CNBB-Sul I.

trated operation took place to alienate her from the presidency. In this article we beckon the multiple candidatures presented – considered by us as *ballon d'essai* – that will come to public in the year 2018, after the shifts of power that placed in charge “much worse” Michel Temer, if compared to “bad” Dilma Rousseff. All of the candidates-to-be promise to take the country out of the whole it is in at the moment.

Keywords: democracy, corruption, popular participation, 2018 elections.

Introdução

O esquema do Mensalão não trisçou em nada o primeiro escalão do governo petista. As denúncias de compra de votos de Deputados, entre os anos de 2005 a 2006, pareciam meras intrigas palacianas e impossíveis de abalar a popularidade de um governo de esquerda em pleno exercício do poder. Lula, para escapar de um possível processo, alia-se de corpo e alma ao PMDB, de Sarney, Barbalho e Temer. Administrada a crise e, na busca de um segundo mandato, atropelou seu adversário Geraldo Alckmin (PSDB), com mais de 60% dos votos válido. O caminho está aberto para mais quatro anos. Chegam as eleições de 2010 e no vácuo da popularidade de Lula, Dilma, já ministra da Casa Civil, toma posse em 1 de janeiro de 2011. Oportuno destacar que Lula deixa o governo com um índice de aprovação de 80% de seu governo. Sob programas sociais como o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), Bolsa-Família, FIES, Peti, ProUNi, Brasil Carinhoso, Dilma, com a máquina na mão, chega ao segundo mandato e com ele denúncias de corrupção em torno da Petrobras, na operação Lava Jato.

Acordem, o golpe chegou

O perverso esquema de corrupção começou a ser desmontado quando escutas telefônicas, em julho de 2013, realizadas pela PF (Polícia Federal) reúnem conversas entre quatro doleiros que usavam uma empresa de nome “Lava Jato” para legitimar o esquema milionário do dinheiro sujo. Um deles era um antigo conhecido da PF, já condenado em outros crimes: Alberto Youssef. Os oponentes não perdem oportunidade e tempo de ver em tudo, algo que possa estar ligado ao PT. Já de olhos nas eleições de 2018 e, como sempre, de braços dados com a mídia, uma ferrenha campanha com o “partido de Lula” invade ruas e becos. A meta é desqualificar a oposição. Tudo muito bem orquestrado e feito sob o consenso constitucional.

O descrédito do PT e o resultado de ferrenha campanha, estrategicamente planejada por setores do empresariado de braços dados com a grande mídia, podem ser comprovados com o resultado pífilo nas eleições para prefeitos e vereadores, nas eleições de 2016. O governo Dilma foi o grande derrotado. As frequentes denúncias de corrupção e informes privilegiados do andamento da Operação Lava Jato ocupam sistematicamente os noticiários. Nos bastidores, o vice-presidente, Michel Temer, em parceria com o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, sinaliza os passos para o afastamento da Presidenta. A campanha de desmoralizar os dirigentes do segundo maior partido deu resultado.

Em meados de março de 2016, somavam 9 os pedidos de *impeachment* contra Dilma. Com falhas nas argumentações jurídicas ou com poucas sustentações políticas, Eduardo Cunha arquivou todos os desafinados desejos.

Dividido e encurralado pela crise, o governo de Dilma opta por cruzar os braços não acreditando num eventual processo investigativo. Outros não creem na possibilidade do *impeachment*. Apostam, sim, em algum tipo de arranjo, na base da velha política, do toma lá da cá e nas concessões de cargos. Tudo vale para salvar o meu grupo. Os ideais de uma linha de diálogo franco e aberto com os setores populares parece estarem longe das vistas dos assessores e principais ministros. O distanciamento das organizações de base, do movimento popular, foi tão asqueroso que pareceu impossível a retomada de um diálogo, no momento em que aumenta o coro no jogo “fora Dilma”. O movimento popular se divide não em propostas políticas voltadas para a diminuição do vergonhoso fosso entre ricos e pobres, mas entre “cozinhas” e “mortadelas”. Como num tradicional “Fla-Flu”. O destino do governo se decide entre os conchavos palacianos de Brasília, nos “acordões” entre grupos tradicionais da elite brasileira.

Ninguém consegue sair da via exclusivamente institucional para opor-se com clareza diante da forte onda conservadora que varre o país. Deputados ensaiam pautas conservadoras como a redução da maioria penal, terceirização do trabalho, ajustes fiscais e medidas recessivas na política econômica, prejudicando os mais pobres, os quais são vistos como inevitáveis caminhos na superação da crise. A soma dos constantes erros: omissão no combate à corrupção, manutenção do eleitorismo petista, a falta de uma luta ideológica ampla e permanente fortalecem a sistemática campanha conservadora. A inércia é geral. Mas como muitos têm olhos e tropeçam, Michel Temer passeia nos bastidores e articula a queda de Dilma, ocorrida no dia 31 de agosto de 2016.

Entram em cena, mais que simples projetos de lei, mas um amplo período de aprovações de PEC (Proposta de Ementa Constitucional) antipopulares. Se Lula, gozando de sua popularidade, egeria “um posto” caso fosse sua indicação, Temer aprovará qualquer projeto na base das liberações de emendas parlamentares, cargos nos ministérios, amortização e renegociação de dívidas de empresas e setores bancários, com um índice de 97% de rejeição ao seu governo.

Dos notáveis aos pífijs

Temer preferiu o mal e não o bem. Alardeou a formação de uma equipe ministerial formada por notáveis. O que vimos, na medida em que os nomes eram anunciados, foi um ministério de pífijs, de desconsideráveis. Velhas cartas marcadas da política. Viciadas raposas chamadas para tomar conta do galinheiro. Três, dos 23 indicados, são denunciados pela operação Lava Jato:² Romero Jucá (Planejamento), Geddel Vieira (Secretaria de Governo) e Henrique Eduar-

.....
² Cf. <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/sem-notaveis-temer-reforca-ministerio-de-investigaveis>. Acessado em: 11/11/2017.

do Alves (Turismo). Como foram indicados aos ministérios, passam a ter foros privilegiados. Na prática, só podem ser julgados pelo Supremo Tribunal. Jogo rápido na operação de blindar parceiros.

Outros três respondem a inquérito no Supremo: Gilberto Kassab (Ciência, Tecnologia e Comunicações), Maurício Quintella Lessa (Transportes) e Ricardo Barros (Saúde). Helder Barbalho (integração Nacional) é filho do Senador Jader Barbalho (PMDB-PA), denunciado por desvio de dinheiro da Petrobras. Já o Ministro de Minas e Energia, Fernando Coelho Filho, é “afilhado” político de Fernando Bezerra Coelho (PSB-PE), outro denunciado por desvio na petroleira. Alexandre de Moraes (Justiça) tem ridículos resultados à frente da segurança pública, numa gestão marcada por chacinas não esclarecidas. Dos improvisados ministros, não resta outra coisa do que esperar dias piores.

Temer: Um governo com prazo de validade

Temer tem pressa. A turma do Planalto Central sabe muito bem que tem um prazo curtíssimo para fazer as mudanças exigidas pelo “capital especulativo”. O serviço sujo exige mudanças em duas importantes frentes que atrapalham maior lucratividade dos grupos empresariais ligados, não aos setores produtivos, mas meros rentistas: reforma da previdência e reforma trabalhista. Ambas acenam perdas de direitos.

Para testar sua capacidade de articulação no desmonte do já precário estado social, um jantar foi oferecido na noite de 9 de outubro de 2016, no Palácio da Alvorada, para 215 deputados, recepcionados por Marcela e Michel Temer. Um “indigesto jantar” para articular a aprovação da PEC – Proposta de Emenda Constitucional – 241. A 241 congela os gastos públicos nos próximos 20 anos.

“Ao contrário do que afirmam os economistas liberais, a carga tributária brasileira não tem crescido e não há uma crise fiscal estrutural: apenas uma crise fiscal conjuntural”, a declaração é de Luiz Carlos Bresser Pereira, ex-ministro no governo de Fernando Henrique. Não resta dúvida de que propagam inverdades. Com a herança Lula-Dilma na berlinda da operação Lava Jato e com a lentidão dos movimentos sindicais e sociais firmarem passos eficazes no “Fora Temer”, o governo “cantou de galo” na falácia de ajeitar a casa que estava mal arrumada.

Com base em dados oficiais da Receita Federal (ano 2105) a carga tributária cresceu mais no governo de FHC. Naquele governo salta de 26,14 do PIB (Produto Interno Bruto) em 1996, para 32,20 % no ano de 2002. No governo Dilma, no ano de 2015, a taxa fecha na casa de 32,66%. A aprovação da 241 sinaliza o estágio de pauperização projetado ao povo brasileiro. Temer seguiu consciente antes as promessas feitas aos grupos financiadores da operação política que lhe garantiu o acesso ao poder. Conhece que o resultado deste trabalho sujo, em 20 anos, garantirá ricos mais ricos.

“Peixes grandes” nas denúncias da Odebrecht

Há menos de dois meses no cargo, Temer vê sua propaganda de por um fim aos esquemas de corrupção, envolvê-lo na mesma armadilha. As denúncias da construtora Odebrecht³ listam mais de 200 políticos envolvidos em um primoroso, seletivo e, um tanto íntimo, esquema de assalto aos cofres públicos. A empresa pagava e, em contrapartida, ganhava as concorrências por obras públicas. A lista atinge cinco ex-presidentes da República e quatro presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado. Tudo feito sem nenhuma preocupação com a ética e a opinião pública.

Constam, por exemplo, os nomes do senador Aécio Neves (PSDB-MG), de Eduardo Cunha (PMDB-RJ), do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), dos senadores José Sarney (PMDB-AP), Romero Jucá (PMDB-RR) e Humberto Costa (PT-PE), do chefe de Gabinete da presidenta Dilma Rousseff, Jaques Wagner, do PT. Temer recebeu 10 milhões. José Serra, ministro, 23 milhões. O primeiro “peixe grande” a ir para cadeia será Eduardo Cunha. O todo poderoso do PMDB e responsável por acatar a denúncia contra Dilma, será preso no dia 19 de outubro.

“O governo Temer é assim. Já começa nos finalmente. Sacanagem explícita o tempo todo. Sem roteiro, sem envolvimento e sem amor”, denunciou o jornalista e cartunista, professor e ativista político Gilberto Maringoni. Essa direita no poder pensa, planeja. Vai e faz. Não importa o preço social das medidas recessivas. Tudo em benefício deles. As mazelas serão pagas pelo povo. O importante é a grana, dinheiro no bolso.⁴

Longe das câmeras, nos bastidores, essa elite de políticos, sorri, se abraçam, brindam em requintados jantares, diante das denúncias dos diretores da ODEBRECHT. Têm a garantia que o sistema político não mudará, pelo menos enquanto estiverem no comando do Congresso e da Presidência. Uma Reforma Política capaz de por fim nas mazelas e por o país nos trilhos inexistente. Como isso não bastasse, saem em contraataques. Renan ousa calar a boca dos promotores públicos. O punquista Temer chama essa avalanche de “pequenas denúncias” e opera a maior onda de privatização, afronta a CLT, apressa a reforma da previdência e mente ao dizer que não tirará direitos dos pobres.

Balões de ensaios para 2018

O ano de 2018 é aguardado como o espaço para solidificar ou retomar projetos políticos para o Brasil. Os que apoiam o golpe de “Temer e sua quadrilha” veem no ano uma oportunidade para solidificar a concentração de capital e a retirada de direitos sociais. Com a aprovação da PEC 55, da Reforma Trabalhista e as privatizações das reservas naturais, os artífices do atual governo ensaiam ir às urnas com essas ditas reformas. Já os partidos de esquerda e mo-

³ <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/561686-a-monumental-delacao-da-odebrecht>. Acessado em: 11/11/2017.

⁴ Cf. <https://www.facebook.com/gilberto.maringoni/posts/619474474921628>. Acessado em: 11/11/2017.

vimentos populares apostam na retomada de um amplo debate capaz de recolocar a política no caminho da distribuição de renda, aprimoramento dos programas sociais e no empoderamento do povo nas decisões. Se democracia é um regime de governo em eterna disputa, pode apostar num rico e caudaloso debate.

Mas como entender Bolsonaro e a juventude? A pesquisa *Datafolha* acena que 60% dos jovens votam nele para presidente.⁵ O resultado não pode ser ignorado. Se Lula for condenado em segunda instância ficará inelegível – o que é possível, pois faz parte do golpe –, todos os demais nomes se igualam. Ciro, Marina, Alckmin soam velhos e idênticos. Diante desses, Bolsonaro larga na frente. Bolsonaro não pensa e não mede consequências em suas palavras. Fala para agradar o freguês. É populista. Suas teses são contra o exercício da cidadania. Escrachar os movimentos LGBT's, os negros, as comunidades indígenas, a igualdade de gênero, o aceno pela pena de morte, além da liberdade para o porte de armas, fazem de Bolsonaro o “salvador” da pátria. Temos muito a refletir.

No atoleiro político em que nos encontramos, o ano de 2017 foi propício para desfiles de possíveis presidenciáveis. Vimos de tudo. Se Bolsonaro foi um ensaio, Henrique Meirelles não perdeu tempo para se apresentar. O primeiro da lista, quando o assunto é “colocar o país nos trilhos da cartilha neoliberal”, Henrique Meirelles pode ser, sim, o candidato do capital financeiro. “Sou presidenciável. Estou preparado para enfrentar os discursos populistas. Esse será o desafio do candidato de centro”, lardeou, não sem suas razões, Meirelles, há poucos dias para a revista *VEJA*.⁶ Foi presidente do Banco Central, durante os dois mandatos de Lula (2003-2011). Ao deixar o governo, passa a trabalhar no grupo dos irmãos Batista, exatamente para o grupo J&F Investimentos S.A. Empresa envolvida nos escândalos da Lava Jato, dos irmãos Joesley e Wesley Batista. Foi o primeiro a ser sondado para estar na linha de frente do governo de Temer e é filiado ao PSD (Partido Social Democrático), fundado por Gilberto Kassab, fiel depositário nas propostas do atual governo.

Outro rosto conhecido e apreciado por muitos é do apresentador Luciano Huck. Seu nome não constava na lista, mas o *Agora!*, uma agremiação partidária fundada em 2016 que busca uma conciliação entre proposta de esquerda e liberal.⁷ “Esquerda ou direita, isso deveria importar menos – precisamos das duas pernas. Temos que ser curadores das boas ideias”, disse Huck que aparece com 5% das intenções de voto. Em termos de marketing político, seria o chamado “dourar a pílula”. Apresentar alguém longe dos conhecidos políticos profissionais. Uma ideia nada impossível, pelos menos, para a pauta dos marqueteiros de plantões. O *Agora!*

⁵ Cf. <https://noticias.uol.com.br/politica/listas/datafolha>. Acessado em 11/11/2017.

⁶ *VEJA*, edição de 8 de novembro de 2017, p. 42.

⁷ Cf. <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/573948-quem-e-o-grupo-que-pode-lancar-luciano-huck-a-presidencia-em-2018>. Acessado em 15/11/2017.

tem em suas fileiras o cientista político Leandro Machado, Ilona Szabó, Eduardo Mufarej, Priscila Cruz, do grupo Todos pela Educação, e João A. de Castro Neves, da Eurasia Group.

Na seara do PSDB uma candidatura expressiva parece, pelo menos no início do dezembro de 2017, algo inexistente. Seu chefe maior, o Senador Aécio Neves, foi denunciado pelo então Procurador Rodrigo Janot. Pego nas redes da operação Lava Jato ao pedir e receber do dono da JBS, Joesley Batista, a quantia de R\$ 2 milhões. Tudo foi gravado. De Janot o caso foi para o STF (Supremo Tribunal Federal), às mãos do Ministro Edson Fachin, responsável pela Lava-Jato, pois Aécio tem foro privilegiado.

Fachin estuda o caso e resolve suspender Aécio. “Mas isso é uma intromissão do Judiciário no Legislativo”, gritaram os defensores do Ex-governador mineiro. A quebra de braço exige uma votação do Plenário do STF. O placar fica no empate de 5x5. O caso Aécio vai para a marca do pênalti. Quem decide é a Ministra e Presidente, Carmem Lúcia. Com forte tremedeira e gaguejando, Lúcia vota a favor de Aécio. O afastamento deve ser decidido pelo plenário do Senado. No campo onde Aécio tem costa quente.

Aécio é como um polvo. Tem sustentáculos nos bastidores do poder. Ele, somado ao grupo de Renan, Jader Barbalho, Jucá e Sarney, formam um grupo que nunca deixou as babas do poder. Não importa quem seja o presidente, Collor, Sarney, Lula ou Dilma, essa turma sempre esteve de bem com o poder. Vamos para o Senado, e o que vimos. Aécio é um dos principais artífices do golpe imposto ao governo Dilma. Renan, Barbalho, Jucá, Serra e mais 13, dos 44 senadores que o livraram da perda do mandato, estão envolvidos na Lava-Jato. Resultado: o cão sempre procura o parceiro. Tinha que livrar Aécio de qualquer jeito. Se não livrar Aécio não dá para livrar o Temer. Se cair o rei de espada, cairá o rei de ouro. E, aí, não sobra ninguém.

O projeto petista de ver Lula reeleito move-se sobre um campo minado. Já condenado em primeira instância e implacável alvo da grande mídia (Rede GLOBO e revista *VEJA*, em destaque), a executiva petista apostou em mostrar que o carisma lulista segue em alta. O partido bradou que não “há plano b”. Ou Lula ou Lula para 2018. Idealizar as caravanas⁸ foi um modo de contra-atacar. Propor outra pauta além do sítio em Atibaia, do Triplex no Guarujá e os interrogatórios do juiz Sergio Moro.

Entre 17 de agosto a 5 de setembro, a caravana “Lula pelo Brasil” visitou 32 cidades, percorreu de ônibus 4.330 Km, passando por 9 estados do Nordeste. A prioridade foi visitar cidades onde projetos de irrigações, Universidades, construções de cisternas, agricultura familiar, Bolsa Família e Prouni floresceram durante seus oito anos na presidência. Lula não poupou conversas, encontros e discursos para defender seu legado e denunciar o desmonte e as mazelas das propostas de Temer. Minas Gerais foi o estado escolhido para a segunda caravana. Entre 23 a 30 de outubro, 12 cidades foram visitadas. E o resultado positivo da viagem ao

.....
⁸ Cf. <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/17/nordeste-lula-inicia-caravana-para-defender-legado-e-denunciar-des-montes-de-temer/>. Acessado em: 15/11/2017.

Nordeste se repetiu em Minas. Quando o assunto é “votar para presidente em 2018”, o nome de Lula se impõe naturalmente, e as pesquisas lhe garantem cerca de 35% das intenções de voto. Resultado maior do que a soma das intenções de votos dada à Marina Silva (Rede), 8%, Geraldo Alckmin (PSDB) 5%, Luciano Huck 5%, João Dória (PSDB) 4%, Ciro Gomes (PDT), 3% e Alvaro Dias (Podemos), 2%.

Conclusão

Na lógica do golpe Lula deve ser posto fora do páreo de 2018. Resta saber se as armadilhas jurídicas e os acordos de bastidores permitirão ou não Lula em 2018. Nesse cenário de instabilidade política, o certo mesmo é dizer que balões murcham e despencam. As cartas estão lançadas. Um projeto para o país vai além de eleição presidencial.

Estarão em jogo as forças dos grupos, partidos e organizações populares capazes de recompor as perdas sociais impostas pelo governo Temer, em tão pouco tempo. Justo refletir: como um governo reprovado por 77% da população⁹ consegue impor reformas antipopulares. Justo pensar pautas para os debates após o reinado de Mono, em 2018:

- *Reafirmar a democracia*: democracia é um governo em eterna disputa. Numa democracia sobram debates e disputas pelo poder. Os partidos e movimentos devem estar de mãos dadas com o sofrimento dos pobres e suas utopias. Sonhos e esperanças de um mundo melhor não se jogam no lixo. São motivações capazes de alimentar militantes que apostam na edificação de um mundo justo e igualitário,

- *Ter a coragem de unir-se diante de um mal menor*. Dos presidenciais não se espera uma personalidade incólume. Alguém que tenha um atestado de honestidade assinado por Deus. Por isso um segundo turno para favorecer tal proposta,

- *Acordos devem ser firmados com grupos populares*, com setores comprometidos a partir do lado dos trabalhadores, das mulheres, dos pobres. Dar destaque aos Deputados e Senadores comprometidos com as causas dos marginalizados. Um sistema de governo presidencialista de coalisão – como vimos no caso de Dilma – está fadado à corrupção e ao fracasso,

- *Denunciar sistematicamente deputados e senadores* que votaram com o governo Temer e se enriqueceram em seus mandatos, vendendo-se ao preço de milhões, no jogo sujo das “emendas parlamentares”,

- *Desconfiar de todas as propostas vindas de rostos bonitinhos* – sejam mulheres ou homens – que sempre tiveram suas vidas ligadas aos setores das oligarquias, dos mais ricos. Não existe salvador da pátria. Os pobres não podem legitimar propostas contra os pobres,

⁹ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/governo-temer-e-aprovado-por-3-e-reprovado-por-77-diz-ibope.ghtml>. Acessado em: 15/11/2017.

• *Eleitoras e eleitores devem ser ajudados e se ajudarem na formação de uma coalização de forças* políticas no desejo de implementar projetos para radicalizar experiências democráticas contra o modelo neoliberal. Nesse modelo ninguém se salvará. Os pobres se depararão com a fome, violência e morte. O planeta – suas riquezas naturais, sua biodiversidade - deve ser projetado para se autossustentar e garantir água, alimento e vida para todos.

Referências bibliográficas

BETTO, F. **A Mosca Azul: reflexão sobre o poder**. São Paulo: Rocco, 2009.

PALMÉRIO, D. **Honoráveis Bandidos: um retrato do Brasil na era Sarney**. São Paulo: Geração Editorial, 2009.

www.brasildefato.com.br

www.g1.globo.com.br

www.ihu.unisinos.br

Recebido em: 28/01/2018

Aceito em: 10/02/2018